

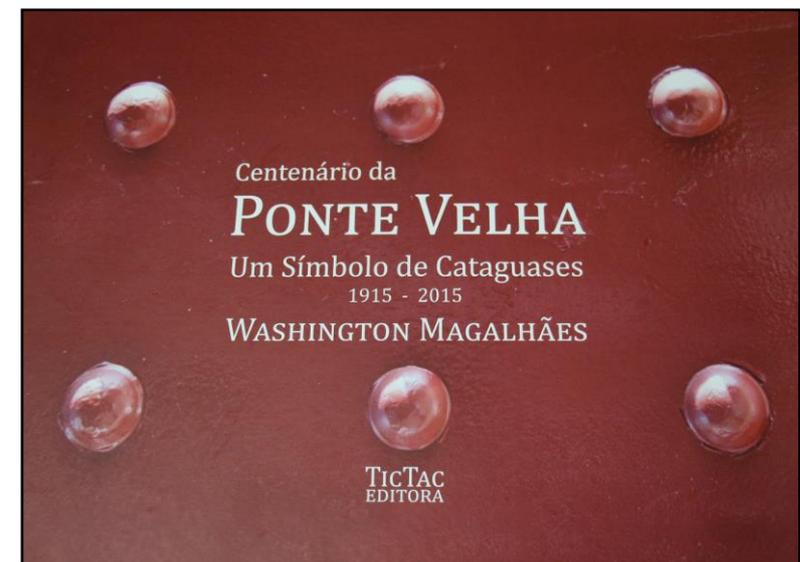
Ronaldo Werneck

## Há Controvérsias

# Novelhíssima Ponte Velha

Washington Magalhães meu caro foto-escriba: o sino de Santa Rita acaba de bater quatro da matina, o que me fez pular da cama onde, acredite ou não, pensava em seu belo livro-homenagem ao Centenário de nossa Ponte Velha. Veja você: a Igreja de Santa Rita e a Ponte Velha, nossos dois ícones por excelência, me trouxeram aqui e agora pro meu escritório onde – madrugada

adentro e afora – em plena prestí/digitação bato com meus dedos não mais tão mágicos essas palavras, todas essas palavras que agora me ocorrem, e como sempre me socorrem.



adentro e afora – em plena prestí/digitação bato com meus dedos não mais tão mágicos essas palavras, todas essas palavras que agora me ocorrem, e como sempre me socorrem.

Soube que você me acreditou fulo da vida pela legenda da foto que saiu em recente matéria do Primeiro Jornal – onde meu amigo Jorge Fábio trocou as bolas quando num corriqueiro descuido de revisão chamou minha mulher Patrícia, não a Poeta, mas a Patrícia (do poeta) Barbosa de “filha do poeta”, este aqui. Mas que nada, meu caro! Eu e Patrícia rimos a mais não poder com o *imbróglio*. Afinal, quarenta anos nos separam e magicamente nos juntaram já há sete anos – e acreditamos para sempre. Muitas vezes, em viagens, eu a apresento a balconistas, quando em ocasionais compras, como “minha filha”. E de repente, sem mais nem porquê, nos beijamos na boca num pequeno escândalo “exterior”, capaz de suscitar “vaias íntimas”, como aquelas provocadas pelos meninos da Revista Verde já lá se vai quase outro século.

Pois é a própria Patrícia quem me lembra a cada momento – desde que você nos entregou seu livro no escritório dela, dias atrás – que preciso escrever em homenagem ao seu “Centenário da Ponte Velha – Um Símbolo de Cataguases”. Mas outros afazeres me assomaram nesses últimos dias – uma viagem ao Festival de Cinema de Ouro Preto, para ver

o (belo) filme de minha amiga Bete Martins sobre Elza Soares, o prefácio do livro de outra amiga, a poeta uruguaia Raquel Martínez, além dos preparativos para o lançamento do meu livro na Flip de Paraty, agora no início de julho. Isso sem falar num texto sobre o caro e saudoso amigo AfonSim, que não consigo terminar, além de alguns poemas em andamento. Tudo isso me afastava temporariamente de seu livro, que me aguardava há algum tempo aqui na mesa de meu escritório.

Até que o sino da Igreja deu suas quatro badaladas e me trouxe aqui pro computador – só pra dizer, meu caro Washington, que seu livro já é parte da história de Cataguases. Seu livro, cuja feitura você generosamente compartilhou com nossos fotógrafos, escritores, poetas, pintores, todos esses artistas, gente de Cataguases, todos irmanados em louvar à Ponte Velha, recém-pintada. Gente de Cataguases demonstrando em preciosos depoimentos sobre a ponte, nossa bandeira, o afeto que se encerra em nossos peitos centenários. Essa gente toda louvando nossa velha-nova Ponte Metálica, novelhíssima em seu tom agora meio grená, meio avermelhado (soube que o Joaquim Branco andou dizendo que a preferia branca que nem ele: eu também e quase toda a torcida do Operal, campeão local).

“Cataguases: os cataguases/ não, nunca pisaram aqui” – disse um dia o nosso poeta maior, Francisco Marcelo Cabral, sobre os índios cataguases – que jamais aqui estiveram. Agora os cataguases(enses), todos nós, que aqui pisamos a cada dia, devemos agradecer por esse livro que você nos oferece, viabilizado graças a esforços de nossos comerciantes e empresários quando, a bem da verdade, deveria ter surgido sob a égide dos poderes públicos. Mas, tudo bem: ele está aqui ao meu lado enquanto a madrugada avança – o seu livro, esse belo produto gráfico que me encara assim meio grená, meio avermelhado, à imagem e semelhança da Velha Ponte de agora.



Por muito e muito tempo achei que fosse minha a Ponte Velha, tanto a mencionei em meus poemas, tanto a coloquei em capas de vários livros: não por acaso meu “pomba poema”, de 1977 – mas tempos depois, o “minas em mim e o mar esse trem azul” e, mais recentemente, o “cataminas pomba & outros rios”. A Velha Ponte que tanto fotografei, tanto filmei de vários ângulos, até mesmo num longo travelling a partir de um barco onde



me encontrava navegando rio abaixo. Pensava que era “minha” e tinha mesmo ciúme e orgulho de ter sempre me lembrado e lembrado a todos do dístico profético de seu pórtico: “Pacifusne est ingressus tuus?/ Revertere ad me, suscipiam te”. Volte a mim, voltem sempre, que eu os receberei, braços abertos sobre o Pomba.

Agora não, Washington. Agora passo a dividir com você a “propriedade” da Ponte Velha. “Assim que dei início ao projeto deste livro senti que o trabalho poderia ser uma obra coletiva (...) Imaginei um produto gráfico que valorizasse o tema. Uma publicação um pouquinho mais, digamos assim, luxuosa, que pudesse, por sua forma, impressionar e melhor persuadir”. Pois você conseguiu, meu caro: “um livro cujo estilo narrativo escorre entre os dedos da multiplicidade. Uma obra coletiva. Uma obra de todos. Uma obra feita por nós”. Não, quanto a isso não há sequer a mínima dúvida. Como a Ponte, seu livro ficará. Um comovente registro, Washington. Não há, não haverá, não cabem controvérsias.

De quebra, um poema sobre a Ponte Velha, feito a pedido do Washington. Como a encomenda saiu maior do que o encomendado, eu precisei fazer uma versão reduzida para o livro. Aqui e agora o poema segue na íntegra. Quando o escrevi, a Ponte ainda não tinha sido pintada, estava descascando, uma penúria só. Daí o “ícone gasto”.

24.06.2015

## Vaivém da Ponte Velha

A Ponte Velha É Cataguases É a Velha Ponte



*Pacificusne est ingressus tuus?  
Por ela a gente chega, chega gente.  
Revertere ad me suscipiam te.  
Por ela a gente vaivém com a gente.*

velha cataguases  
velha ponte velha

cem anos sim  
o rio-chão  
o pomba passa  
a ponte não

vã centenária  
foi-se o alabastro  
dói vê-la assim  
ícone gasto

sós sobre o pomba  
se subvive  
reflexos vão  
nada sobre nada  
do vão mais alto  
o tubulão  
na corda bamba  
o ator se atira  
desacordado  
em si deságua

seu céu seu chão  
agora é água  
vida que vai  
no vão do ocaso

corpos sós corpos  
torcendo o nó  
do acaso sós  
desatinados

sós corpos sós  
sós desde as grimpas  
corpos sós corpos  
sós sobre a ponte

ases à cata  
águas do acaso  
ases do ocaso

cem anos sim  
o rio-chão  
o pomba passa  
a ponte não

velha cataguases  
velha ponte velha



Ronaldo Werneck  
*Cataguases, fev/2015*

**IMAGENS: FOTOGRAMAS DO FILME “TEMPOS DE MINERAÇÃO: VOCÊ NÃO SOUBE”, DE RW.**